

**O “amor pelos museus”¹:
obsessões pela definição de um fenômeno social;
posse de um objeto;
e a existência de uma disciplina científica e universitária
denominada Museologia²**

**The ‘love of museums’:
obsessions with a social phenomenon definition;
possession of a subject of study;
and the existence of a scientific and academic discipline
called Museology**

Luciana Menezes de Carvalho³

DOI 10.26512/museologia.v9i17.31591

Resumo

O presente trabalho trata, brevemente, do fenômeno social museu sob a perspectiva de tornar-se um objeto de estudo de uma disciplina acadêmica. Para tal, tomaremos o seguinte caminho: 1) apontar a criação de uma disciplina científica, tendo como cenário um movimento internacional encabeçado pelo ICOM e ICTOP; e 2) delinear, brevemente, algumas reflexões sobre Museu, que será reivindicado como objeto de estudo pela Museologia. As considerações finais caminham na direção de que o surgimento da Museologia não é um movimento casual somente atrelado ao museu: esse surgimento responde perfeitamente a uma trajetória previsível nos campos científico e universitário.

Palavras-chave

Museu. Museologia. Disciplina. ICOM. ICTOP.

Abstract

This paper discusses briefly about the social phenomenon museum under the perspective of being the subject of an academic discipline. We have taken the following steps: 1) to show the creation of a scientific discipline, using as scenery the international movement guided by ICOM and ICTOP; and 2) to outline some reflections about Museum shortly, which will be claimed by Museology as a subject of study. The conclusion shows that the emerging of Museology is not a casual movement just connected to Museum: this emerging is a perfect response to a predictable trajectory inside the scientific and university fields.

Keywords

Museum. Museology. Discipline. ICOM. ICTOP.

Considerações iniciais: o amor pelos museus

Como ainda não é possível uma viagem no tempo, muitos recorrem aos museus ansiando por essa aventura. Apesar de tal ideia ser senso comum, há algo que quase se aproxima a essa premissa: é possível, ao adentrar as portas – ou os limites - de qualquer museu, conhecer um pouco da sociedade que esse representa, e muitas vezes com distintas épocas ali representadas. E assim tem

1 O nome é uma analogia ao livro de Pierre Bourdieu e Alain Darbel: *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*.

2 O presente artigo é resultado parcial de nossa tese de doutorado: CARVALHO, Luciana Menezes de. *Do Museu à Museologia: Constituição e consolidação de uma disciplina*. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/ Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2017. Orientadora: Tereza Cristina Moletta Scheiner.

3 Museóloga (0779-I Corem 2ª Região), Mestre e Doutora em Museologia e Patrimônio - Unirio/Mast. Secretária Acadêmica do Subcomitê Internacional de Museologia para América Latina e Caribe – ICOFOM LAM e membro do Board do Comitê Internacional para a Museologia – ICOFOM. Diretora do Museu da Memória e Patrimônio da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. carvalho.lucianamenezes@gmail.com .

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

sido desde o surgimento, ou renascimento dos museus, para alguns, no século XVIII. Então, se pudéssemos voltar no tempo e entrássemos no Louvre ou no Museu Britânico, no momento do seu surgimento, veríamos a imagem que os seus criadores – as nações que se consolidavam – pretendiam mostrar de si: seu poderio econômico, social e político por meio de suas artes e de suas conquistas.

Se ainda pudéssemos visitar algum museu de ciência no século XIX (e eram muitos, teríamos dificuldades em escolher qual), veríamos o destaque ao desenvolvimento tecnológico e científico sendo demonstrado. Avançando no tempo, se pudéssemos visitar o Museu de Vizinhança de Anacostia, nos Estados Unidos, ou o Ecomuseu do Creusot na França, nos anos 1970, veríamos as angústias e reivindicações dessas comunidades em torno de suas necessidades e de sua sobrevivência econômica e social. E no presente podemos visitar qualquer museu e teremos uma ideia do que está sendo discutido, preservado, questionado ou simplesmente apresentado, em maior ou menor escala, por aquela sociedade – seja o Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro, com suas tentativas de exposição que visam dar conta, ainda, de uma história nacional; o Museu Nemo⁴, em Amsterdã, cujo principal objetivo é levar o conhecimento científico e tecnológico de forma lúdica e atraente e promovendo tal conhecimento, tanto por compartilhar como por fomentar interesse e justificar a ciência e seus avanços; o Museu Alferes Belisário, na pequena cidade de Paraguaçu⁵, com seu acervo todo exposto, de consultório odontológico a roupas de dormir do início do século XX; o Museu da Pessoa, com seus inúmeros relatos tão pessoais inseridos a todo e qualquer momento; ou o Museu Feminista, na Suécia, “dedicado ao lugar ocupado pela mulher na história, no presente e no futuro”⁶, conforme uma de suas idealizadoras.

Por sua vez, tentar definir museu constitui um dos temas de reflexão do Conselho Internacional de Museus - ICOM⁷. No entanto, uma definição não consegue descrever, em sua plenitude, uma instituição e nem se trata de uma analogia (EDSON, 2010: 60). Como poderoso indicador social e intelectual, a definição de museu deve considerar inúmeras influências, como afirma Edson (2010). Todavia, o ICOM, possuindo papel central para a comunidade museal e visando definir as fronteiras e espaços de atuação de seus profissionais, tomou sobre si a tarefa de definir e qualificar determinada instituição como museu (EDSON, 2010: 63). Tarefa essa que não é fácil, pois leva em conta que as atividades de museus e seu papel estão em constante mudança, sendo árdua a elaboração de uma definição precisa de museu. Uma definição padronizada de museu, ainda, deveria considerar a nível mundial as infinidades de representações do museu, cruzar fronteiras culturais, políticas e sociológicas e ter uma validação internacional (EDSON, 2010: 65). Assim, parece cômoda uma definição que apenas se detém nas práticas de um modelo de instituição.

E, em outra vertente, mas paralela a anterior, a origem da “centelha” que identifica museu como objeto de estudo também pode ter sido propiciada pela

4 Centro de Ciências com atividades interativas de promoção aos conhecimentos de Ciência e Tecnologia. Nemo. Disponível em: < <https://www.e-nemo.nl/en/organization/about-nemo/who-we-are/> >. Acesso em: 08 ago. 2015.

5 Cidade localizada na região sul de Minas Gerais.

6 PRIMEIRO museu feminista abre suas portas na Suécia. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1551485-primeiro-museu-feminista-abre-suas-portas-na-suecia.shtml> >. Acesso em: 08 ago. 2015.

7 O uso das siglas em letras maiúsculas, embora não condizente com as normas ortográficas brasileiras, segue a forma usual como o ICOM se denomina e a seus comitês nacionais e internacionais.

criação de cursos de museus e sua busca pela inserção e autonomia entre os diferentes campos do conhecimento - a profissão museal trata justamente das mudanças, avanços e novas visões de museus (EDSON, 2010: 59). Para legitimar sua existência como disciplina científica na Academia, era necessária a existência de um objeto distinto das demais. A recém-denominada Museologia – inserida no contexto dos cursos de museus – reivindica Museu enquanto capital cultural objetivado⁸, isto é, a partir do momento em que se recorre a ele como objeto de estudo para legitimar a existência de um campo de conhecimento objetivo.

Os objetos de investigação do mundo social, diferentemente dos objetos naturais, são objetos históricos, passíveis de variações no tempo – e é essa incerteza uma característica fundadora da pluralidade de visões acerca do mundo, ligada, portanto, à pluralidade de pontos de vista presentes em “[...] todas as lutas simbólicas pela produção e imposição da visão de mundo legítima” (BOURDIEU, 2012: 140). É importante também considerar que as categorias utilizadas para percepção do mundo social são, por si, produtos da “incorporação das estruturas objetivas do espaço social” (BOURDIEU, 2012: 141). Qualquer definição, para Sola, é um projeto idealístico e uma luta simbólica (2010: 106).

Tomando como ponto de partida o cenário atual no qual o ICOM está dedicado à formulação de uma nova definição de Museu que atenda às necessidades sociais e culturais do século XXI, em diferentes localidades do globo, a presente investigação toma a seguinte trajetória: 1) apontar a criação de uma disciplina científica, tendo como cenário um movimento internacional encabeçado pelo ICOM e pelo Comitê Internacional do ICOM para Treinamento de Pessoal – ICTOP; e 2) delinear, brevemente, algumas reflexões sobre Museu como um fenômeno social observável, que será reivindicado como objeto de estudo por dada disciplina – não sendo, portanto, suas coleções, como sempre foram estudadas, mas o fenômeno em si. As considerações finais caminham na direção de que a instituição de uma disciplina acadêmica e científica é um movimento comum nas ciências e nos campos científicos e universitários, na atualidade. E que o surgimento da Museologia não é um movimento casual somente atrelado ao museu: esse surgimento responde perfeitamente a uma trajetória previsível nos campos científico e universitário.

I. Criando a disciplina Museologia: o papel do ICOM e ICTOP⁹

Para Bourdieu, é um equívoco pensar que a vida intelectual é espontaneamente internacional. Esse modo de vida, como qualquer outro, é imbuído de “nacionalismos e imperialismos, preconceitos e estereótipos” (BOURDIEU, 2002: v). Essas trocas internacionais de ideias podem gerar alguns ‘mal-entendidos’ como a retirada do contexto de um pensamento, levando-o à esfera internacional - o que resulta, entre outras coisas, em pensar que o campo de origem determina o que será pensado ou interpretado no campo de chegada. Entretanto, toda luta pela consolidação de dado campo social, a nível nacional,

8 Trata-se de um conceito elaborado por Bourdieu. Para tal, ver BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, 251 p. A argumentação sobre Museu como capital cultural objetivado poderá ser encontrada em nossa tese de Doutorado (CARVALHO, 2017).

9 É sabido que houve inúmeros aspectos e movimentos necessários para a criação da Museologia como disciplina científica e universitária, ao redor do mundo, e que estão para além do ICOM. Mas aqui, neste trabalho, apontaremos as ações do ICOM e do ICTOP para seu estabelecimento. Sobre as demais ações, ver nossa tese de doutorado, já referenciada (CARVALHO, 2017).

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

depende da esfera internacional para ser legitimada.

Baghli et al (1998: 7) reconhecem que, antes do ICOM, existiram outras tentativas de cooperação entre os museus. Como exemplo, destacam a Associação de Museus (*Museums Association*) no Reino Unido e o Escritório Internacional de Museus (*International Museums Office – Imo*), organizado pela Liga das Nações. No caso da primeira, a intenção não foi somente tornar-se uma organização nacional, mas também internacional, inclusive pelo fato de não especificar nenhuma nacionalidade. Tal fato, entretanto, não impediu o surgimento de organizações nacionais para museus (BAGHLI et al, 1998: 8).

No segundo caso, com a criação do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, no início dos anos 1920, e no âmbito da Liga das Nações foi sugerida a criação, sob a supervisão desse instituto, do Imo. O trabalho do Imo foi intenso e teve como um dos resultados a Revista *Mouseion*, atualmente nominada *Museum International*. Outro trabalho relevante organizado pelo Imo foi o *Traité de Museographie*, que se propunha a ser uma massiva enciclopédia de técnicas de museus que só possuiu três volumes publicados (BAGHLI et al, 1998: 8).

No ano seguinte ao término da Segunda Guerra, movimentos a nível internacional iniciaram ações que visavam estabilizar a ‘ideia de paz’ instaurada com o fim do conflito. Como espaços dedicados às memórias de dada coletividade, imaginou-se que os museus, intermediados e representados por seus dirigentes, poderiam assumir um papel nesse cenário. O ICOM foi criado em 12 de novembro de 1946, no Museu do Louvre, como uma iniciativa de diretores de museus liderados pelo estadunidense Chauncey J. Hamlin¹⁰.

Vinculado à Unesco desde 1947, o ICOM é um espaço de produção, acumulação e difusão de conhecimento referente ao âmbito dos museus, formando um ambiente propício à geração de informações especializadas sobre a área. É a partir das discussões e publicações realizadas e organizadas pelo Conselho que se constrói um ambiente de produção de conhecimento e de conceitos sobre museus e sobre Museologia, com base nos fatos ocorridos no mundo dos museus (CERÁVOLO, 2004: 12). A reunião inaugural do ICOM focou sua atenção numa prioridade especial: o estatuto e a evolução da profissão específica de museus, incluindo sua formação. Esse tem sido um tema recorrente durante toda a história do ICOM.

Na conferência de 1965, o assunto principal foi a formação de profissionais para museus. Muitas foram as conferências e diretores de museus que apresentaram suas ideias e conceitos sobre os profissionais – específicos ou não – que atuavam nessas instituições. As conclusões das sessões de trabalho, organizadas por A. B. de Vries, apontaram que, após a Segunda Guerra Mundial, as transformações oriundas desse evento afetaram o mundo inteiro; dentre essas transformações, surgiria no mundo dos museus uma nova profissão, com características originais e próprias (ICOM, 1965: 45). Nas sessões de trabalho, divididas nas quatro áreas até então definidas como tipologias de museus - arte, ciências e técnicas, arqueologia e ciências naturais -, foram apresentados quatro relatórios, com o objetivo de orientar a formação superior de profissionais para cada uma dessas modalidades. Nesses casos, as orientações se restringiam aos profissionais das áreas e não de uma profissão específica para museus – mas que deveriam ter alguma capacitação específica em “museologia” (ICOM, 1965: 51-53).

10 **WHERE ICOM from.** Direção: BIRD – Agence d'ingénierie historique. Paris, 2016. 27 min. Son., Color., vídeo MP4.

Segundo Camargo-Moro (1992: 1), a Nona Conferência Geral do ICOM, ocorrida em Paris/Grenoble, em 1971, foi um grande fórum que mudaria os rumos dos museus a nível mundial, com apresentações de novas ideias. A autora enfatiza que a hegemonia de pensamento e participação, não apenas dos países do “Norte”, mas também dos que possuíam qualquer cargo de direção em museus, foi rompida e ampliada para uma participação de profissionais oriundos de outras partes do mundo e para todo e qualquer profissional de museu. Nesse evento, foi elaborado um manifesto que propunha maior participação institucional do ICOM e novas ideias e ideais de museu:

Em Grenoble, o Museu como instituição foi amplamente discutido, analisado, criticado em sua ação ortodoxa, foram condenados os conceitos obsessivos [sic] e deformados de estética estreitamente vinculados a padrões [sic] clássicos ocidentais, foi discutida a posição [sic] das coisas (objetos e espécimens [sic]) como testemunhos do homem sua obra seu meio, provocando o intercâmbio de ideias, o encontro de novas soluções [sic], o aparecimento de novos anseios, chegando a modificação [sic] estrutural do próprio Conselho Internacional de Museus. (CAMARGO-MORO, 1992: 1-2)

Entretanto, é importante destacar aqui que esse movimento ocorrido em 1971 na conferência do ICOM não significou apenas uma revolução na própria instituição ICOM, mas foi também uma revolução na forma como a comunidade de profissionais de museus entendia a si mesma enquanto coletividade, movimento importante para o estabelecimento de uma área específica de conhecimento. Nas resoluções e recomendações, afirmou-se que:

Reconhecendo o progresso apreciável feito nos últimos anos, particularmente pelo aumento do número de cursos de museologia em numerosos países, solicitamos às autoridades governamentais responsáveis pelo ensino e pesquisa reconhecer museologia como uma disciplina científica de nível universitário; recomendamos mais fortemente que organismos nacionais e internacionais, museus e universidades encorajem e permitam pesquisa em museologia e a publicação dessa pesquisa, no qual esse é o método mais eficiente para a promoção e desenvolvimento da museologia como uma disciplina científica. (ICOM, 1971)¹¹

O passo seguinte do ICOM foi viabilizar, em parceria com a Unesco, um encontro a nível não apenas profissional mas também político, onde participariam “[...] delegados governamentais, indicados pelos governos de alguns países latino-americanos, representantes do secretariado do ICOM e da Unesco” (CAMARGO-MORO, 1992: 2), denominado Mesa Redonda de Santiago do Chile, ocorrido no ano seguinte à conferência do ICOM.

1.1 O ICTOP e a formação de uma profissão específica para museus

Desde 1947, no ICOM, já se demonstrava interesse em criar um comitê especial para tratar da formação de profissionais para museus (ICTOP, 1980: 3). Em 1950, decidiu-se pelo estabelecimento de um “Comitê Provisório para Pes-

11 “Recognizing the appreciable progress made in the last few years, particularly the increased number of museology courses in numerous countries, Requests governing authorities responsible for teaching and research to recognize museology as a scientific discipline of university level, Recommends most strongly that national and international organizations, museums and universities encourage and permit research on museology and the publication of this research, in that this is the most efficient method for the promotion and development of museology as a scientific discipline” (tradução nossa). ICOM. GRENoble 1971. Disponível em: <<http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icom-general-assemblies-1946-to-date/grenoble-1971/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

soal de Museus” (ICTOP, 1980: 3) para estudar e comparar as condições dos profissionais de museus de vários países, considerando principalmente a formação e capacitação desses profissionais (BAGHLI et al, 1998: 48). Em 1956, com o já criado Comitê do ICOM para Administração e Pessoal, foi votada como recomendação do ICOM ao presidente desse comitê a elaboração e estudo de uma pesquisa internacional sobre a profissão de museus (ICTOP, 1980: 4). Anos se passaram e pesquisas sobre o assunto foram feitas até que, em 1964, a própria Unesco, por meio de um simpósio internacional sobre o papel cultural e educacional dos museus, discutiu as qualificações e a formação de profissionais relacionados ao tema proposto (ICTOP, 1980: 5).

No ano seguinte à Conferência de 1965, no encontro do Comitê Executivo do ICOM,

M. L. Chatelain reportou que preparativos têm sido feitos para organizar três cursos experimentais de formação, sob os auspícios do ICOM, sendo o primeiro sediado em Bruxelas em novembro de 1967, o segundo em Paris no inverno de 1969 e o terceiro em Neuchâtel, Suíça, no fim de 1969. (ICTOP, 1980: 6)¹²

Ainda em 1967 ocorreu um evento em Brno¹³, sob a guarda do ICOM e de Jan Jelinek, organizado pelo departamento de Museologia da Universidade de Masaryk, naquela cidade, e que reuniu professores de Museologia de vários países europeus. Esse encontro não só ajudou a consolidar um centro de pensamento museológico naquele país, mas também impulsionou o estabelecimento de um comitê voltado para o ensino específico de questões ligadas aos museus e à Museologia (ICOFOM, 1989, p. 83). Segundo o ICOM, foi nesse evento em Brno que se fez o primeiro esforço para ter a Museologia reconhecida como uma disciplina científica em universidades (ICOM, 1980: 158).

Ainda, sobre esse evento,

ficou acordado que o grupo de membros enviaria detalhes de seus próprios programas de formação e currículos para o Secretariado do ICOM, para que o Secretariado estabelecesse um rascunho de um “programa elementar comum” (ou um “currículo básico”) no qual, depois de amplas discussões e refinamentos, poderia ser adotado como uma base comum para os cursos existentes e para qualquer novo programa de formação a ser estabelecido no futuro. O encontro decidiu ainda: (a) que a museologia deveria ser reconhecida como uma disciplina verdadeira em si mesma, e (b) que é necessário dar a mesma importância ao ensino de museologia como de museografia, distinguindo entre a formação para os futuros dirigentes de museus o os quais, acreditava-se, deveriam receber um completo treinamento, tanto museológico como museográfico, em contraste com os futuros técnicos de museus, cujo treinamento deveria ser estritamente museográfico em conteúdo. (ICTOP, 1980: 7-8)¹⁴

12 “M. J. Chatelain reported that arrangements had been made for organizing three experimental training courses under the auspices of ICOM, the first to be held in Brussels in November 1967, the second in Paris in winter 1969, and the third in Neuchâtel, Switzerland at the end of 1969” (ICTOP, 1980: 6, tradução nossa).

13 Cidade da então Checoslováquia, atual República Tcheca.

14 “It was agreed the group members would send details of their own training programmes and curricula to the ICOM Secretariat, with a view to the Secretariat establishing a draft for a “common elementary programme” (or “basic syllabus”) which, after further discussion and refinement, might be adopted as a common base for both existing courses and for any new training programmes established in the future. In addition, the meeting resolved: (a) that museology should be recognized as a true discipline in its own right, and (b) that is necessary to place as much importance on the teaching of museology as on museography, and distinguish between the training for future heads of museums, who, it was felt, must receive a complete training, museological as well as museographical, in contrast with future museum technicians whose training could be strictly museographical in content” (ICTOP, 1980: 7-8, tradução nossa).

Nesse sentido foi criado, em 1968, no âmbito do ICOM, o ICTOP - *International Committee for the Training of Personnel* (Comitê Internacional do ICOM para Formação de Pessoal), estabelecido na Conferência Geral do ICOM, em Colônia, substituindo o Comitê Internacional para Administração e Pessoal, criado em 1953 (BAGHLI et al, 1998: 97) e tendo como primeiro presidente Raymond Singleton, da Universidade de Leicester. A missão do ICTOP é estimular e promover a criação de cursos específicos para formação de profissionais de museus, a nível universitário, em todo o mundo¹⁵. Segundo Scheiner (2012: 176), o motor para a criação desse comitê foi o movimento, iniciado desde a década de 1930 e intensificado na década de 1960, de sistematizar pesquisas e análises sobre as ideias de museu e de Museologia, especialmente nas universidades de Leicester (Reino Unido) e Masaryk (República Tcheca).

A primeira recomendação do ICOM para o comitê foi a de criar um grupo de trabalho para elaboração de resoluções que visassem promover a formação específica em Museologia nas universidades, porém em cooperação com museus (ICTOP, 1980: 7). Seriam ainda organizadas “missões instrutivas” em todos os continentes, promovidas pelo ICOM por meio dos membros do novo comitê (ICTOP, 1980: 7).

O primeiro simpósio ocorreu no ano seguinte, na cidade de Leicester, nos dias 17 e 19 de julho. Nesse simpósio:

a agenda incluiu discussões sobre o reconhecimento da museologia como uma disciplina acadêmica, o reconhecimento da museografia como uma matéria válida para a educação técnica, o estabelecimento de padrões reconhecidos internacionalmente para o diploma da formação, os conteúdos dos currículos de ensino em museologia, a possibilidade de distribuição de artigos e outros subsídios para o ensino de museologia e museografia, e o estabelecimento proposto de uma unidade de capacitação no âmbito do Secretariado do ICOM. (ICTOP, 1980: 9)¹⁶.

Ainda, nesse simpósio, uma das primeiras ações desenvolvidas pelo novo comitê foi a produção de um *Syllabus*, ou seja, de uma relação “de campos de interesse para o estudo da Museologia teórica e prática, identificados por termos básicos, visando colaborar para o desenho curricular dos programas de ensino para museus” (Scheiner, 2012: 181). Para Scheiner (2012: 181), esse documento viria a influenciar tanto a criação como a reestruturação dos cursos de museus e Museologia – como foi o caso do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional - MHN, cuja reforma curricular, em 1973, utilizou o *Syllabus* como referencial.

Nesse primeiro momento, era reforçado pelo ICTOP que os cursos de museus tanto nessas instituições quanto em universidades tinham que reconhecer, “de imediato”, a Museologia como disciplina com status acadêmico (ICTOP, 1980: 9-12) e que o ICOM deveria ser o parâmetro mínimo para avaliação e critérios dos diplomas desses cursos, incluindo também o já referido e tema central desse comitê: o *syllabus* para os cursos de formação em Museologia (ICTOP, 1980: 10). O ICOM já vinha desenhando um *syllabus* para a formação de

15 ICTOP. Disponível em: <<http://network.icom.museum/ictop/about-us/who-we-are/L/0/>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

16 “The agenda included discussions on the recognition of museology as an academic discipline, the recognition of museography as a valid subject for technical education, the establishment of internationally recognised standards for a training diploma, the contents of teaching syllabuses in museology, the possible distribution of papers and others aids to the teaching of museology and museography, and the proposed establishment of a training unit within the ICOM Secretariat” (ICTOP, 1980: 9, tradução nossa).

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

profissionais de museus, e cabia então ao ICTOP desenvolver sua parte no que se referia ao ensino de Museologia, ou do que se entendia como uma área específica para museus. Na Conferência Geral do ICOM de 1971, o ICTOP se reuniu com o Comitê do ICOM para Educação e Ação Cultural – CECA e apresentou uma proposta de *Syllabus* Básico do ICOM (ICTOP, 1980: 11).

Em 1972, em consonância com a Unesco, um texto definitivo do *Syllabus Básico do ICOM* foi preparado pela Unidade de Formação (*Training Unit*) do ICOM e por Grupo de Trabalho do ICTOP, aprovado em seguida por esse comitê e distribuído em mais de cem cópias para os centros de formação e profissionais interessados na capacitação específica em museus – ou Museologia¹⁷ (ICTOP, 1980: 12). Os itens que orientaram o *syllabus* proposto no início da década de 1970 eram compostos das seguintes sessões: introdução à museologia (história dos museus, noções de museologia e museografia, tipologias de museus e mais assuntos relacionados ao museu e seu papel social); organização, operação e gestão de museus; arquitetura e *design*; coleções; atividades científicas (pesquisa); exposições; e atividades educativas e culturais. Ainda:

a formação profissional e vocacional em museologia deveria incluir um ou vários meses de treinamento interno ou estágio. A formação profissional em sua totalidade deveria ser reconhecida como de nível universitário em Museologia, com a menção de especialização. A formação vocacional abordará o “Diploma Técnico em Museografia”. (ICTOP, 1972: 7)¹⁸

Singleton (1978) entendia que o ensino de uma profissão específica sobre museus não deveria colocar o espaço museu em oposição ao espaço universitário, mas ambos como complementares. Entretanto, ressaltou que a estrutura universitária para esse ensino, além de contar com outros departamentos que poderiam oferecer as diferentes disciplinas que existem nos museus, “[...] ajuda a promover o reconhecimento da museologia como um estudo acadêmico válido em si mesmo” (SINGLETON, 1978)¹⁹.

Para Maröevic:

Eu penso que nós precisamos das recomendações do ICOM visando maior sucesso na capacitação. Tal documento poderia ajudar a melhorar nossas intenções e esforços para incluir museologia no sistema educacional, mas com um programa melhor, talvez como um tipo de estudo interdisciplinar (interfaculdades). [...] O *syllabus* deveria ser baseado em três pontos principais: Por quê? Para quem (descrição detalhada); Como? (MARÖEVIC, s/d).²⁰

Embora no início do ICTOP se considerasse a existência da Museologia como ciência ou disciplina científica, tal premissa foi abraçada, arguida e defendi-

17 Uma dessas cópias foi entregue ao então Curso de Museus do Museu Histórico Nacional e influenciou diretamente a reforma curricular de 1973, conforme dito anteriormente.

18 “Professional and vocational training in museology should include one or several months of in-training or internship. The total professional training should be recognized as a University degree in museology, with a mention of the specialization. The vocational training will lead to a “Technical Diploma in Museography” (ICTOP, 1972: 7, grifo do autor; tradução nossa).

19 “[...] helps to promote the recognition of museology as a valid academic study in its own right.” (SINGLETON, 1978, tradução nossa).

20 “I think we need ICOM’s recommendations with a view to more successful training. Such a document could help to improve our intentions and exertions to include museology in the educational system, but with a better programme, perhaps as a kind of interdisciplinary (interfaculty) study. [...] The syllabus should be based on three main points: Why? For whom? (detailed description); How?” (Maröevic, s/d).

da pelo ICOFOM²¹: “pouco conhecida ou ignorada como profissão, deveria ser dada [à Museologia] maior reconhecimento; infelizmente o conceito de museologia como campo do conhecimento ainda não é aceito em geral” (ICTOP, 1972: 7)²².

O ICTOP também teve participação ativa no projeto do ICOM “Tratado da Museologia”, cuja produção foi proposta na Conferência Geral do ICOM de 1977²³, também estabelecendo um grupo de trabalho para auxiliar no desenvolvimento desse projeto (ICTOP, 1980: 21), além de um grupo de trabalho para participar de outro projeto semelhante liderado pelo Comitê Internacional do ICOM para Documentação (CIDOC) denominado *Dictionarium Museologicum* (ICTOP, 1980: 23).

Nos anos seguintes, nas décadas de 1970 e 1980, o *syllabus* foi rediscutido e remodelado, com participação de outros comitês, incluindo o futuro ICOFOM. Com o estabelecimento do ICOFOM em 1977 (proposto em 1976), o ICTOP precisou rever seus estatutos e objetivos para evitar duplicidade com esse novo comitê. Esse momento pode ter sido decisivo no distanciamento do ICTOP com o desenvolvimento de uma área específica para museus, denominada Museologia, dedicando-se a partir de então à formação para museus, com escopo multidisciplinar. Se até 1977 o termo “Museologia” era recorrente ao falar da formação na área no ICTOP, a partir de então o ICTOP passou a ter como parâmetro o termo “*Museum Studies*”, definido como

[...] simplesmente o ‘estudo sobre museus’, e compreende museologia, a teoria do trabalho de museu, e museografia, as habilidades e técnicas do trabalho de museu. Por exemplo, a teoria do design de exposição é museologia, enquanto as habilidades e técnicas envolvidas nas montagens de exposições estão na área da museografia. Em resumo, habilidades e técnicas são baseadas na teoria e cada uma está envolvida em *museum studies*. (ICTOP, 1984: 18)²⁴

Assim, a grande “virada” que muda os rumos dos museus ocorre no século XX. Com a criação do ICOM, um grupo de profissionais de diferentes países e distintas esferas, endógenas e exógenas a esse órgão internacional, se reúne para debater museus de forma distinta às discussões sobre o tema que se desenvolviam nas Ciências Sociais e Humanas, por meio de suas experiências pessoais e até mesmo acadêmicas. Para alguns desses teóricos, não são apenas as ações que ocorrem no âmbito dos museus que interessam como objetos de estudo, mas os museus em si e por si, sua razão de existência e, ainda, a possibilidade de uma ciência específica para os museus. É nesse momento que os atores levam o ente museu para dentro do campo universitário.

21 Em documento de 1972, o ICTOP admite que “a museologia é a ciência do museu” (ICTOP, 1972). Para saber mais sobre o papel do ICOFOM no desenvolvimento da Museologia, ver Carvalho (2017).

22 “Little known or ignored such a profession must be given greater recognition; unfortunately the concept of museology as a field of knowledge is still not generally accepted” (ICTOP, 1972: 7, tradução nossa).

23 De acordo com Mairesse e Desvallées (2011: 357), previa-se para o tratado quatro volumes: “Museu e Sociedade”, “Museu e Patrimônio”, “Museu como instituição” e “o Futuro do Museu, estudos de caso”, porém o tratado nunca foi terminado.

24 “[...] simply the ‘study of museums’, and comprises museology, the theory of museum work, and museography, the skills and techniques of museum work. For example, the theory of exhibit design is museology, whereas the skills and techniques involved in mounting the exhibit falls into the area of museography. In short, skills and techniques are based on theory and each is involved in *museum studies*” (ICTOP, 1984: 18, tradução nossa).

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

2. Obsessões pela definição de um fenômeno social e posse de um objeto

Para Stránský (1980; 2008: 104), Museu pode ser considerado um fenômeno que acompanha a trajetória humana. A partir de um pensamento construído, claramente, de forma filosófica, Stránský descreve passo a passo suas ideias sobre como ocorre o estudo dos fenômenos: devemos estudar a relação em termos e realidades, e se essas por sua vez são objetivas ou subjetivas; se tais realidades contêm características que as separem do “real total”; se essas existiram anteriormente, no passado, e se o que temos no presente é parte desse desenvolvimento; e se o fenômeno estudado ainda continua em desenvolvimento (1980; 2008: 102). A base do fazer humano estaria no pensamento e no porquê da criação de todas as coisas, afinal de contas “poderiam os museus estar incluídos no nosso código genético?” (STRANSKÝ, 1987: 288, tradução nossa)²⁵. Em seguida, ele lança também a seguinte questão: “seriam os museus objetos da museologia ou os meios para se perceber o enfoque da museologia em relação à realidade?” (STRANSKÝ, 1987: 288, tradução nossa)²⁶. Respondendo a tal questão, faz primeiramente uma contundente afirmação: “A ideia de que o sujeito da museologia é o museu prova ser um real fardo” (STRANSKÝ, 1987: 288, tradução nossa)²⁷.

Para explicar a afirmativa acima, Stránský considera que o próprio termo propicia esse entendimento. Ao longo de anos, esse autor tentou desconstruir a ideia de Museologia vinculada a museu; e percebe que muitos autores têm se utilizado de suas ideias como se fosse um novo enfoque do problema. Mas o que Stránský defende é que o museu é material, portanto, também possui fim e responde aos anseios de seu criador e de suas necessidades sociais (STRANSKÝ, 1987: 288, tradução nossa)²⁸.

Bellaigue também considera como premissa que “museu é a expressão de uma relação específica entre o homem e a realidade resultando na preservação de seu patrimônio natural e cultural objetivando a pesquisa e a documentação (e o desenvolvimento)” (BELLAIGUE, 1987: 59, tradução nossa)²⁹. Gregorová (1987: 122) pontua que o museu, como instituição cultural, é um produto da civilização onde todos os demais “produtos são documentados” e, nesse processo, o humano se reconhece como parte do “refinamento cultural” a que se submete. Mas repensando as manifestações de museu diferentes da tradicional, Gregorová delinea uma definição de museu que poderia abarcar tais ideias: “a relação entre consciência e ser – e no nosso caso de uma relação específica do homem / humano / museu com a realidade” (1987: 125, tradução nossa)³⁰ - a própria relação museu, em seu sentido amplo e, simultaneamente, restrito. Essa relação se caracteriza por uma atividade específica de preservar e coletar

25 “Is it possible that museum could be included in our genetic code?” (Stránský, 1987: 288).

26 “Are museums the subject of museology or the means for realizing the approach of museology to reality?” (Ibidem).

27 “The idea that the subject of museology is museum proves to be a real burden.” (Ibidem). Stránský, desde 1965, defendia que o objeto de estudo da Museologia não era o Museu, principalmente considerando que não poderia ter como objeto de estudo uma instituição e seu conjunto de práticas.

28 Ao dizer que o “museu é material” (“The museum is something material”), Stránský não desconsidera sua própria perspectiva fenomenológica, mas sim aponta que museus são criações humanas, e não algo que inexista para além desses últimos.

29 “The museum is the expression of a specific relation between man and reality resulting in the preservation of his natural and cultural heritage aiming at research and education (and development)” (BELLAIGUE, 1987: 59).

30 “[...] the relation between consciousness and being – in our case from man’s specific, human / museum / relation to reality” (GREGOROVÁ, 1987: 125).

objetos (em um conceito amplo do termo) para fins culturais e educacionais.

Maröevic, seguindo o ‘roteiro’ comum, conhecido e comumente aceito, aponta a origem do termo museu como o templo das Musas, que para ele não estava relacionado à materialidade, mas como “protetor de atividades espirituais” (MARÖEVIC, 1987: 173). Para o autor, *μυσειον/mouseion* foi a palavra grega que originou o termo ‘museu’: teria sido a partir da influência de Demétrio, codiscípulo de Teofrasto, criado o *Mouseion* de Alexandria, em cerca de 306 a. C., instituído por Ptolomeu Sôter, rei do Egito (MAIRESSE, 2011). Entretanto, esse complexo não consistia num ‘museu’ no sentido moderno da palavra. O *Mouseion* grego não teria uma relação estreita com a forma de se constituir dos museus atuais. No caso romano, museu tinha um significado parcialmente semelhante ao grego, mas tratava-se de um lugar de disputas filosóficas: essa origem e funções influenciaram a ideia de museu que se tinha até então (MAIRESSE, 2011).

Mas foi Scheiner quem sistematizou o conhecimento reflexivo sobre museu existente até os anos 1990³¹, apresentando outra possibilidade de se pensar a origem do conceito. Segundo ela, a origem mítica só seria melhor compreendida se nos afastássemos da imagem do Museu (e do Templo das Musas) como instituição permanente, dedicada ao estudo, conservação, documentação e divulgação de evidências materiais do humano e da natureza. Afastando-se do Templo, “restam-nos as próprias Musas”: ao considerar as Musas, não se leva em conta apenas o espaço físico (Templo), mas “[...] a presentificação das idéias de recriação do mundo por meio da memória, [...]” (SCHEINER, 1999: 136). O Museu, para ela, assume sua forma plena: pode existir em todos os lugares e em todos os tempos “[...] onde o Homem estiver e na medida em que assim for nominado – espaço intelectual de manifestação da memória do Homem, da sua capacidade de criação” (SCHEINER, 1999: 137-138).

Segundo Stránský (1996: 15), a noção de instituição, em relação ao museu, é a dominante; entretanto ressalta que a noção de museu é algo historicamente criada e cuja forma é socialmente condicionada para uma satisfação que é humana, por sua vez relativa a guardar e selecionar certos elementos da realidade, contrária à natureza de mudança e declínio das coisas. Há, contudo, uma necessidade de evocar para o Museu “o poder do ‘clássico’” (BRULON SOARES, 2011: 46), isto é, traçar uma história para o Museu que se inicia, em sua forma mais comumente conhecida, como oriunda da Grécia Antiga. Essa ideia se assemelha à própria postura evolucionista de pensar uma linha condutora de origem única, principalmente para os europeus, cujo berço dessa civilização está na Grécia.

O fenômeno museu pode ser definido como virtual, na acepção do termo apresentado por Deloche (2001, apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013: 67): “conceito que designa globalmente o campo problemático do museal”. Em outras palavras, o museu em potência, possível, de acordo com as diferentes sociedades. Segundo Desvallées (1980: 17), para se pensar num campo específico para os museus faz-se necessário considerar duas questões: haveria uma experiência específica de museu? Como as atividades de museus se enquadram dentro das múltiplas atividades humanas? Para o autor essa experiência específica estaria relacionada ao processo de organização das coleções, catalogação e

31 E isso está organizado, principalmente, em sua dissertação de mestrado. Ver: SCHEINER, Tereza. *Apolo e Dionísio no templo das musas – Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental*. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. 152 p. Orientador: Paulo Vaz.

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

exposições para as comunidades.

Tanto a forma como as funções dos museus sofreram significantes mudanças ao longo de sua trajetória (seja percebida como longa ou de fato curta) e isso tem se dado por uma demanda das diferentes sociedades ou comunidades que se apropriam desse fenômeno social. Tal premissa corrobora a perspectiva scheineriana e stranskiana do caráter fenomênico do museu. Apesar de o museu ser reivindicado primordialmente por um modelo de sociedade e por um determinado estamento social, outros grupos e comunidades reivindicaram o museu para si. É necessário considerar que, tal como Bourdieu (2007: 71) apontou ao tratar da obra de arte, museu “[...] enquanto bem simbólico não existe como tal a não ser para quem detenha os meios” de apropriar-se dele e de decifrá-lo. Existem, então, dois tipos de grupos de indivíduos a usufruir desse fenômeno: aqueles que usufruem do próprio museu enquanto capital cultural, e se apropriam dele enquanto manifestação; e, a partir do século XX, os profissionais específicos de museus. O primeiro grupo se subdivide entre os que pertencem às classes mais favorecidas que veem como ‘natural’ sua identificação com os museus; e os que pertencem às classes menos favorecidas, que não apenas reivindicam os museus para si, mas também entendem que o “amor” ao museu é algo conquistado e surge de um convívio prolongado com seus capitais (BOURDIEU, 2007: 90).

E quando os profissionais, de distintas áreas ou até mesmo dos primeiros cursos de museus, surgem, as tensões agora deixam de ser externas primordialmente (grupos que se reconhecem nos museus e os que o reivindicam) e passam a ser internas. Estabelece-se então, entre o primeiro e o segundo grupo, uma relação de transação, com base em distintos interesses; e, entre os membros do segundo grupo, uma relação de concorrência que opõe os diferentes especialistas – essas relações “constituem o princípio da dinâmica do campo”³². A oposição entre os especialistas, para Bourdieu, não se refere a uma perspectiva simplista que os coloca como inimigos, mas sim ao fato de que os diferentes profissionais interagem no interior de dado campo por meio de trocas, negociações e, inclusive, fricções, mas todos com um bem comum – o fortalecimento desse próprio campo, conforme os atores mencionados acima e suas perspectivas do que venha a ser museu. Esses mesmos autores, apesar de serem oriundos de diferentes áreas, estão, ao mesmo tempo, tentando traçar as fronteiras tanto de uma disciplina chamada Museologia como as fronteiras de seu objeto de estudo.

Definições de museu atendem aos objetivos daqueles que as criam (Sola, 2010). Independente da percepção ou ponto de vista do teórico sobre características fenomenológicas do museu, cujas manifestações podem ser encontradas em diferentes tempos e lugares, não há como negar que a ideia atual que se tem de museu é fruto da Modernidade, e que museu é uma definição forjada no centro de questionamentos e produções de conhecimento de um tipo de sociedade que, como se sabe, é hegemônica.

Museus são capazes não apenas de transformar o mundo, mas recriar diferentes mundos associados, na sua capacidade de se distanciar do mundo dito real. Essa definição passa então pela ideia – difundida no mundo inteiro do que venha ser museu e a encontramos por meio de manifestações que são ou

32 Bourdieu sintetiza essa relação, aqui relativa ao campo científico, quando trata do campo religioso: “[...] a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação organiza-se necessariamente em torno da oposição entre (I) a Igreja e o profeta e sua seita (II)” (2013b: 53).

poderiam ser nomeadas de museu; e, no último caso, o conceito, elaborado e reivindicado por profissionais, cientistas (como os acima mencionados) e por uma disciplina acadêmica que viria a surgir no século XX e nominada de Museologia.

Considerações finais: retomando o debate sobre a existência de uma disciplina científica e universitária

O Museu, para a Museologia, torna-se um objeto de apropriação exclusiva a partir do momento em que esse capital cultural possibilita à Museologia “um *ganho de distinção*” (BOURDIEU, 2013a: 214). Com a pretensão de ser um “campo especializado”, a Museologia busca se organizar pela mesma lógica: “segundo o volume do capital específico possuído e segundo a antiguidade” (BOURDIEU, 2013a: 217). É importante ressaltar ainda que, na busca de construção de um objeto, nenhum objeto pré-determinado está isento de um ponto de vista, mesmo aqueles que procuram romper com determinado ponto de vista, sendo pensados como passíveis de ultrapassar uma “perspectiva parcial que está associada a uma posição no espaço estudado” (BOURDIEU, 2013a: 27).

Todo campo é um espaço de disputas “mais ou menos declaradas pela definição de princípios legítimos de divisão do campo” (BOURDIEU, 2012: 150). Bourdieu (2013c: 153) enquadra disciplina acadêmica como subcampo dentre os campos universitários (tais como Letras, Humanas, Exatas, entre outros). Para Japiassu, disciplina é uma “progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo” (1976: 61), que tem a necessidade de estabelecer e definir suas fronteiras, que por sua vez determinarão seus objetos, métodos, sistemas, conceitos e teorias (JAPIASSU, 1976: 61). Ainda, para esse mesmo autor,

no interior de cada disciplina há sempre certo projeto inconsciente de dominar o mundo intelectual, porque o homem é um ser ambicioso e expansivo [...]. As disciplinas científicas são organizações, pois se inserem no corpo social. (JAPIASSU, 1976: 118)

Japiassu usa disciplina como sinônimo de ciência; mas entendemos disciplina não como ciência em si, mas como um recorte arbitrário do saber, fruto de uma articulação coletiva, tanto a nível internacional quanto em particularidades (países), que ocorre no âmbito do campo científico mas que ganha status como tal no âmbito do campo universitário. É importante ressaltar algo que é sabido, porém pouco declarado: toda disciplina, que em muitos casos reivindicou para si o nome ‘ciência’, é uma criação do saber humano – não é algo natural. É constituinte da própria ciência não só a luta pelo monopólio, mas a própria ‘di-visão’: um modo de ver que realiza um sentido e um consenso que introduz, arbitrariamente, uma descontinuidade: em outras palavras, a criação de uma disciplina é fruto do desejo de se adquirir autoridade científica.

As fronteiras são, simplesmente, produtos de uma divisão mais ou menos próxima da ‘realidade’, que por sua vez também não é natural, antes produto de uma delimitação legítima. A própria ciência – por meio de seus atores – invoca sua autoridade para fundamentar a divisão arbitrária que se quer impor. O poder dito científico traz (ou possibilita) a existência de um grupo, propiciando um espaço de construção de visão e de divisão comuns – a visão única de uma identidade e/ou unidade (BOURDIEU, 2012: 113-117). A autoridade científica é um capital social que assegura poder sobre os mecanismos que mantém e

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

gerenciam o campo científico e o universitário e que pode ser acumulado e transmitido. Uma disciplina, quanto mais autônoma for, mais torna possível que os seus membros tenham como clientes seus próprios concorrentes, dialogando apenas entre si (BOURDIEU, 1976: 6). O poder de um discurso, no âmbito de uma disciplina, não depende apenas de quem o emite, mas do próprio grau de diálogo do discurso com o grupo a quem se dirige – em outras palavras, no “reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros desse grupo” (BOURDIEU, 2012: 117).

Os próprios critérios ditos objetivos da ciência, conhecidos pelos doutos, são armas utilizadas nas lutas simbólicas pelo reconhecimento e conhecimento, que por sua vez podem provocar um efeito “simbólico inevitável”: a consagração de “divisões e das visões das divisões”; e como resultado, cria-se “uma unidade real ou a crença na unidade” – o reconhecimento, portanto, de dada disciplina a traz à existência (BOURDIEU, 2012: 119-120), demonstrando ser um esforço pela autonomia, pois “[...] existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente” (BOURDIEU, 2012: 129).

Os sentidos são produzidos pelos agentes de um dado campo – e das disciplinas – nas tensões dentro de seu próprio campo. Esses sentidos compõem as características definidoras para as autonomias de qualquer campo ou disciplina. Na busca por uma nomeação legítima como imposição oficial de uma visão particular de mundo, os agentes se utilizam dos capitais adquiridos em disputas anteriores para impor “a sua visão das divisões do mundo social” (BOURDIEU, 2012: 146). Essas tensões podem ocorrer tanto na esfera particular, por meio de visões e pontos de vistas singulares que visam produzir nomeações, quanto na esfera coletiva, por meio de pontos de vistas autorizados e regulados, isto é, de alguma forma legitimados. Esses pontos de vista legitimados, que se manifestam por meio de divisões, são comuns no campo universitário. Aqui, vimos tanto os movimentos individuais, por meio de atores que se debruçaram na busca de tentar construir um objeto de estudo para uma disciplina, como o Museu, por exemplo; como coletivos, como o caso do ICOM e do ICTOP.

Foucault (2007) aponta para o fim do homem como objeto de estudo. É possível crer em um fim da ciência percebida como entidade cujo saber é o único legítimo. Com a relatividade do conhecimento e a percepção da ação humana em todo o processo de produção de dado conhecimento, o que podemos ver são configurações criadas por grupos que procuram justamente legitimar sua especificidade usando os próprios capitais simbólicos da ciência, tentando ao máximo dissimular o arbitrário (BOURDIEU, 2007: 164).

O humano é uma invenção do próprio humano, nos diz Foucault, mas esse também inventa algo além de si mesmo. Para Kant é através da construção de um mundo que é possível conhecer o mundo real. Entretanto, mais que a tentativa de conhecer esse mundo real, o humano tem feito ao longo do processo de conhecimento criar mundos de acordo com sua forma de pensar, aliado à sociedade em que vive. A ciência é um mundo criado que, apesar da falácia de tentar entender o que poderia ser denominado mundo real, tem ao longo do tempo criado uma autonomia desse objetivo primeiro - e atualmente existe de si para si mesma.

Assim também ocorre com as disciplinas, e o mesmo se passou com a Museologia: elas se iniciam na tentativa de compreensão de dado objeto para, quanto mais autônomas forem, mais longe do objeto se posicionarem, pois a sua existência já não é condicionada a ter um objeto e defendê-lo. Afinal de contas, seus membros são muitos e com distintas perspectivas; e lutam para

legitimar seu ponto de vista, com a pretensão de obter a resposta exata para o objeto da disciplina; mas, consciente ou inconscientemente, fazem parte de um movimento que está distante de chegar a um veredito. Talvez a existência de um veredito sobre dado objeto torne a busca, e logo a existência da ciência ou de dada disciplina, obsoleta; todavia, contraditoriamente, essa ânsia é seu motor.

Referências

- BAGHLI, Sid Ahmed; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani. *History of ICOM* (1946-1996). Paris: ICOM, 1998.
- BELLAIGUE, Mathilde. Museology and the “integrated museum”. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 59-62, Sept. 1987.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. 1976. Disponível em: <http://uaiinformatica.net/luciana/campo_cientifico_bourdieu.pdf>. Acesso em: 24 out. 2012.
- _____. As condições sociais da circulação internacional das idéias. *Enfoques Revista Eletrônica*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. IV-XV, 2002.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 322 p.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 2. Ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013a, 560 p.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013b, 361 p.
- _____. *Homo Academicus*. Trad. Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013c, 314 p.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007, 239p.
- BRULON, Bruno César. O rapto das Musas: apropriação do mundo clássico na invenção dos museus. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 43, p. 41-65, 2011.
- CAMARGO-MORO, Fernanda. *O Ecomuseu Repensado*. Itaipu um case study (1992). I Encontro Internacional de Ecomuseus. Coleção Fernanda Camargo-Moro. Acervo NUMMUS.
- CARVALHO, Luciana Menezes de. *Do Museu à Museologia: Constituição e consolidação de uma disciplina*. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2017. Orientadora: Tereza Cristina Moletta Scheiner.
- CERAVOLO, Suely Moraes. *Da Palavra ao Termo: um caminho para compreender Museologia*. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Orientadora: Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. ICOM, ICOM-BR: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.
- DESVALLÉES, André. [untitled]. *MuWoP: Museological Working Papers = Do-TraM: Documents de Travail en Muséologie*. *Museology – Science or just practical museum work*, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p. 17-18, 1980.
- EDSON, Gary. Defining museum. In: DAVIS, Ann, MAIRESSE, François, DESVAL-

O “amor pelos museus”: obsessões pela definição de um fenômeno social; posse de um objeto; e a existência de uma disciplina científica e universitária denominada Museologia

LÉES, André (Ed.) *What is a Museum?* Munich: Verlag Dr. C. Müller-Straten, 2010. 218 p.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 541p.

GREGOROVÁ, Anna. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 121-129, Sept. 1987.

INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY [ICOFOM]. *Museological News*, [s.l.], n.º 12, 1989.

INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE TRAINING OF PERSONNEL [ICTOP]. *Professional training of museum personnel in the world: actual state of the problem*. Jos, Nigeria: Document prepared by the ICOM Training Unit, 1972. Coleção Tereza Scheiner.

_____. *The professional training of museum personnel: a review of the activities and policies of ICOM, 1947-1980*. Leicester, England: Leicestershire Museums, Art Galleries and Records Service for ICTOP, 1980. Coleção Tereza Scheiner.

_____. *Project of a common syllabus for professional museum training (1972)*. Versão traduzida por Tereza Scheiner em espanhol. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1984. Coleção Tereza Scheiner.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS [ICOM]. *Actes: Seventh General Conference*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1965, 98p. Paris: Arquivo ICOM/ICOFOM.

_____. ICTOP. Disponível em: <<http://network.icom.museum/ictop/about-us/who-we-are/L/0/>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

_____. GRENOBLE 1971. Disponível em: <<http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icoms-general-assemblies-1946-to-date/grenoble-1971/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: IMAGO Editora, 1976, 221p.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. *Muséologie*. In: DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (ed.). *Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.

MARÖEVIC, Ivo. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 173-179, Sept. 1987.

SCHEINER, Tereza. *Apolo e Dionísio no Templo das Musas – Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental*. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. 152 p. Orientador: Paulo Vaz.

_____. *As bases ontológicas do Museu e da Museologia*. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. ICOFOM LAM, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.133-143, 1999.

_____. *Museologia. Patrimônio. Participação. Integração. Inclusão. Notas para uma análise de termos e conceitos relativos à teoria e à prática no Museu – e para o Museu*. In: Tereza Scheiner; Marcus Granato. (Org.). *Termos e Conceitos da Museologia: Museu Inclusivo, Interculturalidade e Patrimônio Integral*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins / UNIRIO, p. 174-191, 2012.

SOLA, Tomislav. *The Museum Definition: Questioning the Scope and Motives*. In: DAVIS, Ann, MAIRESSE, François, DESVALLÉES, André (Ed.) *What is a Museum?* Munich: Verlag Dr. C. Müller-Straten, 2010, p. 106-112.

STRÁNSKÝ, Z. Z. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 287-292, Sept. 1987.

_____. *ENCYCLOPAEDIA OF MUSEOLOGY*. Brno: Masaryk University Brno / Unesco International Summer School of Museology, 1996, Coleção: Tereza Scheiner.

_____. Sobre o tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?” (1980). Trad. Tereza Scheiner. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, PPG-PMUS Unirio/MAST, vol. 1, no 1, jul/dez de 2008, p. 101-105.

WHERE ICOM from. Direção: BIRD – Agence d’ingénierie historique. Paris, 2016. 27 min. Son., Color., vídeo MP4.